

EDUCAR: A ARTE DE FORMAR O INTELECTO NA VERDADE, A VONTADE NO BEM E A ESCOLHA NA LIBERDADE, SEGUNDO SÃO TOMÁS DE AQUINO.*

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo. A formação intelectual do homem é, sem dúvida, essencial para o seu íntegro desenvolvimento pessoal e social. Tal formação exige igualmente a formação moral. Sem esta última, a formação intelectual não é coroada. Só se encontra o verdadeiro sentido de uma educação intelectual se estiver plenamente comprometida e vinculada com os princípios sólidos de uma reta moralidade que justifique tal desenvolvimento pessoal e social. Educar é antes de tudo formar a inteligência para a verdade e a vontade para o bem, enquanto permite à liberdade sua livre escolha pautada na verdade e no bem, fins salutares à íntegra formação da pessoa humana. Nossa intenção neste artigo é apresentar brevemente a doutrina da educação em São Tomás de Aquino e suas principais questões na arquitetura de suas exposições e análises filosófico-teológicas.

Palavras-chave. Tomás de Aquino, Tomismo, educação, formação.

Abstract. The intellectual formation of the man is, without any doubt, essential to his complete personal and social development. This formation requires a moral one as well. Without the latter, the intellectual formation is not crowned. We can only find the true meaning of an intellectual education if it is totally committed with solid and straight morality that justifies such personal and social development. To educate is, above all, to form the intelligence to the truth and to the will for the good, while it permits freedom its free choice based on truth and good, beneficial ends to the whole formation of the human being. Our intention in this article is to present briefly the educational doctrine in Thomas Aquinas and its main questions in the architecture of the philosophic-theological expositions and analysis¹.

Keywords. Thomas Aquinas, Thomism, education, formation.

INTRODUÇÃO

A formação intelectual do homem é, sem dúvida, essencial para o seu íntegro desenvolvimento pessoal e social. Ela exige igualmente a formação moral. Sem esta, aquela não é perfeita e completa. Educar é formar a inteligência para a *verdade* e a vontade para o *bem* e permitir à liberdade a escolha da verdade e do bem². Verdade e bem são os fins, os ideais da

* Dedico este estudo a Norma Faitanin quem concilia ensino e amor no exercício da pedagogia.

¹ Agradeço à professora Clea Fernandes Ramos Valle pela versão inglesa do resumo.

² A obra que cito a seguir oferece uma muito adequada análise da educação moral não só como suporte para a formação intelectual, mas também sob o ponto-de-vista de sua

educação, que não podem ser justificados ou substituídos – como promovem o *subjetivismo*³, o *relativismo*⁴ e o *ateísmo*⁵ – por quaisquer meios, mesmo que sejam úteis e eficientes⁶. Situações contraditórias emergem em razão de sua suplantação: o homem torna-se mestre de si mesmo⁷, seu valor subordina-se ao da coisa e a sua dimensão moral à eficiência da técnica⁸. No mais íntimo

autonomia: RODRÍGUEZ SEDANO, A. y PERALTA LÓPEZ, F. (eds). *Autonomía, Educación Moral y Participación Escolar*. Pamplona: Eunsa, 2001.

³ O subjetivismo aniquilou a objetividade do conhecimento e entronizou o homem como ‘mestre de si mesmo’, privando-o da busca da verdade comum. O racionalismo cartesiano e o iluminismo kantiano foram a máxima expressão desta herança.

⁴ O relativismo apresenta-nos hoje como a filha mais jovem do subjetivismo, a pesar de ter suas raízes na antiguidade. Parece-nos sugestivo o inconcluso fragmento heraclítico que sustenta que ‘para dentro dos mesmos rios descemos e não descemos, somos e não somos’. Poderia ser exigido como o princípio ‘metafísico’ da incoerente possibilidade de no interior do devir ser e não ser são uma mesma coisa. Ver: HERÁCLITO, *Fragmento 49^a*. Ver: BERGE, D. *O Logos Heraclítico. Introdução ao estudo dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969, p. 259. Pois bem, em nossos dias, o relativismo que pode assumir diversas formas – político, religioso, cultural – subordinou todas as ações e escolhas humanas aos interesses relativos à utilidade subjetiva e não ao bem comum.

⁵ O *ateísmo* – palavra oriunda de *a-theos* [sem Deus] – é a postura filosófica conseqüente do radical racionalismo que supõe a premissa da inexistência de um Deus transcendente, necessário e princípio de tudo. Não há ateu que não seja agnóstico e não há ateísmo que admita a existência divina. Portanto, o ateu comete a mesma contradição do agnóstico. Logo, persiste na incoerência do agnóstico. O que é uma tolice. Se for isso, o ateísmo é postura ‘intelectual’ mais tola e contraditória do que a do agnosticismo, pois *negar a possibilidade de conhecer o que se supõe existir é ainda mais coerente do que afirmar a impossibilidade de existir do que não se conhece*. Acerca do significado e tipologia do ateísmo: MARITAIN, J. *A significação do ateísmo contemporâneo*. Tradução de Gerardo Dantas Barreto. Rio de Janeiro: Grifo, 1969; MONDIN, B. *Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 128-176. Pois bem, o ateísmo impossibilitou, a partir da negação da existência de Deus, qualquer busca de sentido da vida humana para fora da existência do próprio eu.

⁶ Nenhum instrumento é eficiente se limita, desvirtua ou mesmo suplanta o fim a que se subordina. E se ocorre tal coisa, isso se deve a que os meios não são proporcionais ao fim. Por isso, o fim não justifica o uso de quaisquer meios. Se não se estabelecem claramente quais são os fins da educação, como tirar melhor proveito da eficiência dos instrumentos que se lhes subordinam? É preciso que sejam evidentes quais são estes fins, os verdadeiros ideais da educação. Promove uma excelente análise acerca da influência destes ideais na educação: PENNA, I. “A influência de um ideal na educação”, *Coletânea*, n° 6, (2004), pp. 259-267.

⁷ Segundo Tomás ninguém é chamado mestre por que por seus princípios pode conhecer, mas por que pelas conclusões destes princípios pode ensinar o que conhece: *De veritate*, q. 11, a. 2, c.

⁸ Em outro lugar já havia tratado dos riscos de não se ter em conta a dignidade humana, por subordiná-la à suposição da eficiência tecno-científica: FAITANIN, P. “Análise do

desta desventura convivem a grandeza e a miséria humanas: a grandeza de ser uma criatura, cuja natureza digna em si, clama o excelso, e a miséria por limitar seu ser e ação às condições relativistas da cultura ateísta.

§1. CONCEITO DE EDUCAÇÃO.

Segundo Aristóteles, ‘todos os homens, por natureza, tendem ao saber’⁹. Ensina-nos Tomás, em seu comentário dos livros da *Metafísica* de Aristóteles, que ‘a operação própria do homem, enquanto homem é conhecer’, pois, ‘naturalmente o desejo do homem se inclina ao conhecimento e, por conseqüência, à ciência’¹⁰ e é próprio do homem ordenar-se à sabedoria¹¹, à verdade e à sua formação como um todo, em sua integralidade¹². Em Tomás de Aquino a educação intelectual¹³ – a aprendizagem das disciplinas escolares – não deve ser dissociada da formação moral – aquisição das virtudes morais –, embora, infelizmente, uma possa se dar sem a outra. Tomás de Aquino, atualíssimo em sua proposta pedagógica¹⁴, defendia justamente a educação humana subordinada à *formação intelectual, moral e religiosa*. A educação tal qual a

estatuto metafísico da dignidade da vida humana a partir da noção de liberdade em São Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n.º 2, (2006), 241-261.

⁹ ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1, 980^a.

¹⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Metaph.*, lect. 3.

¹¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 1, a. 6; *De pot.* q. 3, a. 16, sc. 5; *In I Eth.*, lect. 1, n. 1.

¹² MARITAIN, J. *Humanismo Integral*. Rio de Janeiro, Agir,

¹³ Sobre isso ver: MAYER, M.H e FITZPATRICK, E.A. *Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino*. Adaptação do inglês por Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1936, esp. pp. 127-229.

¹⁴ O vocábulo *pedagogia* foi utilizado, intensamente, nos últimos anos, para designar qualquer método de ensino. Contudo, originalmente, designava a própria arte de ensino em sua amplitude intelectual e moral. Durante certo tempo, na França, tinha sentido pejorativo, mas logo recobriria nos séculos XIX e XX, o vigor científico para referendar a ciência normativa da educação. Em Tomás de Aquino encontramos uma normativa geral para a educação dos homens, adultos e crianças. Aborda o tema em sua antropologia, gnosiologia, ética e política. A palavra *pedagogia* é de origem grega e significa preceptor, mestre de crianças, da qual derivou *pedagogia*, com o sentido de *ciência normativa da educação*. A pedagogia tomista designa a ‘arte de ensino’, a ‘educação’, por meio da qual se dá a formação intelectual, a partir dos hábitos dos primeiros princípios aplicados para o conhecimento da verdade; a formação moral, a partir do cultivo dos hábitos práticos para a aquisição das virtudes morais para a consecução do bem, especialmente no cultivo da virtude da religião para melhor dispor e orientar o homem para Deus. Tratou destes temas em: *De veritate*, q.11 (*De magistro*); *STh* II-II, q166-167; q181, a3; *De modo studendi*, *Principium Rigans montes* e em muitas outras obras.

concebemos hoje difere do modo como era concebida no medievo¹⁵. Sabemos que em nossos dias, especialmente no Brasil, a educação é obrigação e dever do Estado¹⁶. No medievo, coube aos Mosteiros, em grande medida, educar as crianças. Foi o modelo de escolas monacais que inspiraram o aparecimento dos colégios e Universidades medievais¹⁷. Ao professor cabia preparar o aluno para a leitura, escrita, cálculo e certa formação religiosa, bem como ajudá-lo, a partir do auxílio desta última, na aquisição das virtudes morais que o aperfeiçoassem na vida pessoal, como naquelas ações que melhor o preparava para o exercício da vida em sociedade.

Quanto a este último aspecto começam aparecer as diferenças com relação à educação dos nossos jovens. Só recentemente temos visto a re-introdução do ensino religioso como aliado à formação intelectual e só à intelectual, porque desde já há muito as escolas não se preocupam minimamente com o ensino da moral e, quando a propõe, a confunde ou com matérias de civildade ou com o próprio ensino religioso. Percebe-se que aumenta a disponibilidade de aquisição de virtudes e da formação intelectual o oferecimento e manutenção do ensino religioso. Para uma sociedade caracterizada por uma tomada de vida laicizada, consumista, relativista e hedonista, muitas vezes, o ensino religioso é visto como um *mal*¹⁸. Constitui um mal porque a formação religiosa aliada à intelectual perfila o senso moral e tornam os alunos críticos das desventuras das ações irresponsáveis dos que

¹⁵ Um verbete muito útil para uma visão geral sobre este tema ver: LOYN, H.R. *Dicionário da Idade Média*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, 'educação', pp. 127-129. Impressiona-nos que Le Goff e Schmitt não dedicaram um verbete à questão da educação em seu *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. O que há acerca deste tema é tratado no verbete 'universidade': VERGER, J. "Universidade", in: Le Goff, J. & Schmitt, J.-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. II. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 573-587.

¹⁶ *CONSTITUIÇÃO FEDERAL*, Art. 205: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". É direito reivindicar, caso não haja seu cumprimento.

¹⁷ O seguinte artigo oferece uma boa consideração acerca da relação dos alunos com os professores nas universidades medievais: ULLMANN, R. "Os alunos e os professores nas Universidades Medievais", *Veritas*, 39 (1994), pp. 397-412.

¹⁸ De um modo geral, os pais que procuram o ensino religioso para os seus filhos alegam que o procuram porque crêem ser o melhor para os filhos e isso, inclusive, por aqueles que manifestam, em foro íntimo, alguma desaprovação. Mas por que alguns julgam deste modo? Fazem isso porque não julgam o que é melhor para eles, mas o que seja o melhor para os seus filhos. Mesmo uma má pessoa reconhece o que seja melhor para o seu filho, embora não aceite ou esteja disposto a aceitar que isso também seja o melhor para ele. É bem conhecido: faça o que aconselho, mas não faça o que eu faço.

vivem na sociedade. Pelo ensino religioso, associado a uma boa formação intelectual e moral, a pessoa torna-se efetivamente um bem para a sociedade, na medida em que é preparada para exercer com mais plenitude sua cidadania.

De que maneira o ensino religioso colabora para a formação intelectual e moral? O ensino religioso, respeitando a liberdade religiosa, dispõe o espírito dócil e humilde para o reconhecimento de valores e verdades que transcendem a vida do homem. Aprender é ato de humildade e ensinar de caridade. Se o ensino religioso favorece a aquisição destas nobres virtudes, caridade e humildade, não há dúvida que o seu cultivo naquele espírito, favorece muito, também, para a formação tanto intelectual quanto moral dos jovens. Não sem razão as culturas antigas delimitavam a formação dos jovens nos liames da religião e da virtude¹⁹. Contudo, há de ter em conta as necessidades dos nossos tempos. Fé e razão não são auto-excludentes. Mas se em alguma religião houver tal oposição, obviamente esta delimitação da formação intelectual nos limites da religião, causará choque. Sabemos que o Aquinate buscou em sua plenitude conciliar as verdades de fé com as da razão. Por isso para ele não são excludentes, ao contrário, o ensino da religião nesta perspectiva conciliadora com a ciência, naquilo que de verdade há na ciência, é salutar para a íntegra formação humana. Neste sentido, a formação humana envolve tanto a esfera religiosa, quanto intelectual e todas as instituições civis, desde a menor célula da sociedade, a família, até a mais complexa temporal, o Estado, como também a Igreja, a sociedade eterna. É dentro deste contexto que o Aquinate articula a educação humana.

Tomás falou tanto direta quanto indiretamente acerca deste tema. Ele apresenta um conjunto de idéias que sistematizam seu ideal de educação. Contudo, cabe notar que o vocábulo *educatio* ocorre apenas 25 vezes, em todo o *Corpus Thomisticum*. O que Tomás pensa ao considerar a formação intelectual do homem? O Aquinate recorre ao uso de muitas palavras, mas comumente usa a palavra *formatio*. Tomada como sinônimo de *educatio*, este último assume, também, os seguintes significados: *moral*, quando se refere à instrução do espírito; *física*, quando se refere à manutenção do corpo. Tomamos aqui o sentido de educação como instrução do espírito. Na Escolástica do Aquinate a

¹⁹ Seria oportuna a leitura da seguinte obra que coloca lado a lado a experiência religiosa e aquisição de virtudes na cultura grega clássica: JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Conivente com o que aludimos acima acerca da intrínseca relação na cultura grega entre o caráter divino e o moral, são as seguintes palavras: “O homem pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se o eduque corretamente; converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal-educado” [PLATÃO, *As Leis*, 766^a]. Recomendamos ter em conta o seguinte texto que narra, de modo brilhante, o ideal da educação do homem em Platão: TEIXEIRA, E.F.B. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999.

palavra *educatio* referia-se especialmente ao *cultivo* e *cultura* da terra²⁰, mas originalmente relaciona-se com a *instrução, formação* e *cultivo* do espírito²¹. É neste sentido originário que se enquadra o uso no contexto tomista de educação como a instrução que se oferece para aquela inclinação íntima da natureza do homem a algo mais especial²². A esta inclinação íntima e natural se oferece a instrução com o intuito de preparar os mais jovens, na medida em que os inserem na *língua, costumes, valores, religião*. Portanto, a educação moral tem toda uma dimensão sócio-cultural. Em nossos dias, o termo *educação* guardou algo do significado original, enquanto ‘ato ou processo de educar’, na medida em que educar designa ‘transmitir saber a’, ‘dar ensino a’, ‘instruir’. Para o Aquinate a educação tem uma estreita relação com a *procriação*²³. Deve ser conseguinte à procriação, a educação da prole, como um fim secundário. Portanto, para o marido e para a mulher, no matrimônio, os filhos são o *tesouro* e o *fim principal* da relação conjugal; e a educação dos filhos é o fim secundário, enquanto por meio dela são os filhos – tesouros da vida conjugal – orientados para manifestar e comunicar pela aprendizagem e cultivo do espírito, toda a riqueza que são em si mesmos e que aprenderam prol do bem comum²⁴.

§2. EDUCAR PARA A VERDADE: *FORMAÇÃO INTELECTUAL*.

Amar a verdade supõe o sacrifício dos ideais pessoais²⁵, pois estes devem ser subordinados ao ‘alimento’ próprio do intelecto: *a verdade*. O intelecto é a

²⁰ Estes e outros sentidos da palavra em seu uso medieval ver: SARAIVA, F.R.S. *Dicionário Latino-Português*. 11ª. edição. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 405.

²¹ A palavra *educatio* deriva do participio *educatum*, do verbo *educo*, -as, -avi, que tem o sentido de *eleva*; *instruir*; *formar*; em seu uso primitivo. Ver: ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*. 4ème édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, p. 192.

²² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.94, a.2, c.

²³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *CG*. III, c.122, n.4.

²⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d. 31, q. 1, a. 2, ad. 1.

²⁵ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos*, I, c.4, 1096^a 10-20; SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Eth* lect. 6, n. 76: “parece melhor, mais honesto, de acordo com os bons costumes... que o homem não tema, em questão de verdade, opor-se aos seus mais próximos... Já que, se o homem não preferisse a verdade a seus amigos, se seguiria que para defender os amigos, proferiria falso juízo e testemunho. O que é contrário à virtude... [assim] devemos amar mais a verdade do que ao amigo, porque a este devemos amar principalmente por causa da verdade e da virtude... A verdade é este amigo supra-excelente ao que se deve a reverência da honra e é, também, algo divino, pois em Deus se encontra primeiro e principalmente. Por isso, [Aristóteles] conclui que é santo honrar antes a verdade que aos amigos humanos”.

potência cognitiva do homem, por meio da qual se conhece algo de si, algo do que lhe rodeia e algo do que lhe transcende. É a sua mais nobre capacidade²⁶, cujo objeto é a verdade²⁷. Obviamente, o intelecto conhece a verdade quando considera os entes que existem, pois são eles o que primeiro considera e conhece o intelecto²⁸, na medida em que deles apreende a verdade. Em poucas palavras, o intelecto considera o ente para apreender sua verdade, sendo isso que ele concebe, adequado ao que existe no real.

A educação intelectual da pessoa humana se dá na posse da verdade pelo intelecto. Ela é no homem a expressão inteligível da realidade. A criança, desde muito cedo, deve ser motivada, pelo mestre, a valer-se de sua inteligência para o exercício do conhecimento da realidade²⁹. Nela, a aquisição da verdade dar-se-á essencialmente por composição, um dos modos de conhecimento da verdade³⁰, a saber, indo das coisas mais simples às mais complexas. É evidente que a criança não poderá apreendê-la sem certa dificuldade, seja por parte dela mesma ou por causa da complexidade do objeto considerado³¹. Mesmo quando saudável e apta naturalmente para o conhecimento da verdade, a criança dependerá da ajuda dos pais e do professor, pois o conhecimento é um novo olhar sobre a realidade que provoca certas mudanças no sujeito que conhece. Daí a necessidade de que a criança seja auxiliada, direta ou indiretamente (linguagem, exemplos, modelos, brinquedos etc.) em seu conhecimento³². Reforça-se que, a pesar de toda dificuldade, é conveniente buscá-la³³.

A linguagem – a fala e a escrita – é o instrumento fundamental da educação. O conhecimento intelectual do homem traduz-se, exteriormente, num conjunto de *sinais* sensíveis, falados ou escritos, que compõem a *linguagem humana*. O que é um sinal? *Sinal* é aquilo que serve para o conhecimento de outro³⁴, ou seja, é o que se institui para significar outra coisa. A linguagem

²⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q.79, a1, c.

²⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In VI Met.* Lec. 4, n.1230-1240.

²⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Met.* Lec. 2, n.46.

²⁹ A palavra 'conhecimento' deriva de *agnitio* que significa, em seu sentido amplo, sem distinguir as diferentes faculdades das quais deriva, seja ela intelectiva ou sensitiva, excetuando os vegetais, o produto de um processo em que a faculdade do conhecimento recebe a *forma* do objeto, sem que com isso o cognoscente perca a sua forma e sua identidade ou que o objeto conhecido, fique sem a sua forma. Em seu sentido estrito, conhecimento significa o ato pelo qual o objeto conhecido se encontra no sujeito que conhece [*STh*I,q79,a2,c; I,q12,a4,c].

³⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In II Met.* Lect. 1, n..278.

³¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In II Met.* Lect. 1, n. 279-286.

³² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In II Met.* Lect. 1, n.287-288; lect. 5, n.334.

³³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In II Met.* Lect. 5, n.335-336

³⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* III, q. 60, a.4, c.

humana é composta por sinais da *fala* e da *escrita*. A *linguagem falada* é expressão da fala. A *fala* é a manifestação, pela voz, da palavra interior que se concebe com a mente³⁵. A *linguagem escrita* é a expressão gramatical da linguagem falada³⁶.

Assim, pois, a *linguagem* é formada pela *palavra mental* que pode ser apenas *pensada* ou mesmo *falada* e pela *palavra escrita*, que sempre representa a própria palavra mental, mediante um sinal visível, impresso. Portanto, a parte elementar da linguagem é a *palavra*³⁷. A *palavra* significa a coisa mediante o conceito, pois segundo o modo como se entende algo, assim se lhe nomeia³⁸. Mas o que é nomear? *Nomear* é dar nome³⁹. A aprendizagem não é de nomes, mas de conceitos, pois, embora um nome, por sua origem etimológica, sirva para significar algo, por seu uso e convenção, pode ser tomado para significar outra coisa, como o nome 'cão' que significa o animal, mas que pode ser tomado para significar a constelação. É a isso que se refere o estudo do significado dos conceitos. A linguagem no ensino deve ser a mais clara possível para que não haja equívoco na aprendizagem.

O modelo educativo, nesta perspectiva, é mais simples do que parece. Não se trata de elaborar complexas teorias lingüísticas, mas ensinar a criança desde cedo, por sua linguagem, a conhecer e utilizar alguns princípios⁴⁰

³⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De ver.* q.9, a.4, c.

³⁶ O que é expressão gramatical? Em primeiro lugar convém saber o que é a ciência da gramática no contexto da filosofia tomista. A *gramática* é a ciência, por cujo hábito, o homem tem a faculdade de falar corretamente [*STh*I-II,q56,a3,c]. A faculdade de falar corretamente, também, manifesta-se na *escrita*. A ciência da escrita é a *Literatura*. A Literatura é, em outras palavras, a ciência das letras. As *letras* são, pois, sinais das vozes mentais [*In I Perih*lec2]. Tanto falada, quanto escritas as vozes formam a linguagem.

³⁷ Mas o que é a palavra? A palavra é uma voz convencional significativa de um conceito, que por sua vez é uma similitude da coisa [*In I Perih* lec.10; *STh*I,q13,a1], produzida pelo intelecto ao abstrair da realidade sua similitude inteligível [*De nat. verbi intellectus*]. O que é a voz? A *voz* é um sinal material, sensível da palavra, que permite a sua comunicação aos demais homens [*In I Perih* lec.4] e consiste na emissão oral dos sons como efeito orgânico das cordas vocais [*STh*I,q51,a3,obj4].

³⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q.13, a. 1, c.

³⁹ O que é o nome? Nome é uma voz significativa, isto é, uma voz que tem significado [*In I Perih* lec.4]. Em síntese, o nome é um sinal inteligível do conceito [*In IX Met.* lec.3] manifesto numa palavra falada ou escrita. Uma coisa é a *etimologia* do nome, que indica a sua origem e outra coisa é a *significação* do nome, que indica o seu significado. Da etimologia conhece-se a origem de um nome para dar significado a algo. A significação do nome dá-se, segundo aquilo a que é imposto o nome significar [*STh*.II-II,q92,a1,ad2; I,q31,a1,ad1]. Se os nomes designam as coisas, os substantivos, os verbos designam os atos das coisas, seus movimentos e paixões.

⁴⁰ Por *princípio* entende-se, aqui, aquilo de que algo procede e que contribui para a produção e demonstração de qualquer coisa [*STh*I q33 a1, c].

básicos para todo conhecimento da verdade. Vejamos: tão logo uma criança aprende o que é uma *rosa*, sua inteligência que já aprendera o que é uma *pedra*, promove uma distinção imediata entre ambas: *a rosa não é uma pedra* ou, o que vale o mesmo, *a rosa é rosa* e *a pedra é pedra*. Segue-se, quase com a mesma velocidade de raciocínio, que para ela *uma rosa não pode ser rosa e pedra ao mesmo tempo*. Esta percepção é natural a toda criança, embora nem sempre sejam conscientes de que são capazes de fazer isso. Eis, pois, o que os antigos denominaram como *princípio de não contradição*, cujo hábito e utilização, tornam o intelecto mais propenso para a apreensão da verdade das coisas, já que seu uso resolve muitas dificuldades em sua aplicação⁴¹, como prontamente afirmar a verdade (a rosa é rosa) ou negar a falsidade (a rosa é pedra)⁴². Diz-se princípio porque é elemento e causa do que dele se segue, a saber, a afirmação ou negação.

Habituada a utilizar corretamente tal princípio, a criança, desde cedo, aperfeiçoa sua capacidade de *abstração*, que é o processo natural pelo qual o intelecto conhece a realidade. O conhecimento do ente real se dá por *assimilação*⁴³. Não se trata da assimilação que se afirma no processo em que um organismo vivo assimila seu alimento, que se torna a matéria do organismo, nem da assimilação tomada no sentido estrito da pedagogia contemporânea⁴⁴. A assimilação é considerada de outra maneira. Quando o intelecto assimila a realidade que conhece, não absorve sua materialidade⁴⁵ e nisso ela difere do processo bioquímico.

Em síntese: a mente conhece a realidade material sem reter a materialidade do mesmo, que o circunda ou determina a um espaço e tempo. Vejamos o exemplo: é evidente que nosso intelecto ao conhecer o Corcovado ou qualquer maravilha natural, não assimila, absorve, sorve sua matéria. Contudo, nem por isso deixa de conhecê-la. Apreende a realidade de outra maneira, pois, o intelecto, assimila e apreende por abstração a *forma* do

⁴¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In III Met.* Lect. 1, n.338.

⁴² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In IX Met.* Lect. 11, n.1896-1901; *In Met. VI*, Lect. 4, n.1230-1240.

⁴³ Todo conhecimento faz-se por assimilação do conhecido no cognoscente [CG.I,65,n537], formando no cognoscente uma *imagem* do objeto conhecido [CG.II,77,n1581]. Esta imagem é a *espécie sensível* ou *inteligível*, de tal maneira que todo conhecimento se dá pela informação de alguma espécie da coisa conhecida, assimilada pelo cognoscente [In I Sent.d3,q1,a1,obj3].

⁴⁴ A assimilação no sentido pedagógico é a operação pela qual a criança interioriza de algum modo o meio, a fim de moldar o ambiente às necessidades do seu organismo: MARQUES, R. *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 16.

⁴⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Met.* Lec. 10, n. 158; *In III Met.* Lec. 7, n. 404-405; *In VIII Met.* Lec. 1, n. 1683; *In XII Met.* Lec. 2, n. 2426; *In XI Met.* Lec. 7, n. 2259-2264.

Corcovado, que existe na realidade como um ente singular e concreto, mas que após a abstração de sua materialidade é assimilado pelo intelecto de modo universal e imaterial⁴⁶. Em última instância, o intelecto é informado pelas formas abstratas que o intelecto apreende do real, por meio das quais se dá sua *informação*. Por que esta forma deve ser universal e imaterial? Porque o intelecto conhece à sua maneira a realidade material e não segundo ela existe em sua materialidade. Nesta perspectiva é legítimo dizer que educar é informar o intelecto com conteúdo verdadeiro.

De nada valeria a formação deste conteúdo intelectual se o próprio intelecto não fosse capaz de retê-lo. A *memória* é, pois, a capacidade que o intelecto tem de *reter*, *conservar* e *recordar* os conceitos ou imagens inteligíveis das coisas que foram apreendidas⁴⁷. Todo este acervo intelectual de informação é riquíssimo, pois corrobora para o conhecimento de novas formas. Conhecer uma *rosa* e dela reter sua imagem é algo fantástico. Mas o conhecimento não se dá pela *imaginação*. A imaginação é um processo pelo qual o intelecto associa as imagens entre si, mas disso não extrai necessariamente um conhecimento novo.

Associar a imagem de homem com a de um touro não produz novo conhecimento, mas uma nova imagem de realidades que já eram conhecidas. A imaginação é um dos sentidos internos da alma humana, que, como potência da alma, se encarrega de conservar para a razão, potência intelectual superior à imaginação, as formas e as imagens sensíveis que lhes chegaram a

⁴⁶ Abstenho-me de apresentar detalhadamente todo o processo do conhecimento por abstração. Informo em linhas gerais: (a) *a passividade do intelecta* no primeiro momento do ato de conhecimento, o intelecto é passivo, porque recebe as informações que as potências dos sentidos, tanto internas (imaginação, memória, cogitativa e senso comum), quanto externas (visão, olfato, audição, tato e paladar), fornecem para a alma; por isso, conhecer é padecer, enquanto isso significa receber aquilo para o qual estava em potência, sem que nada lhe fosse tirado [*STh* I,q79,a2,c]. (b) *a atividade do intelecta* num segundo momento do ato de conhecer, o intelecto é agente, pois é necessário que o próprio intelecto, depois de recebidas as formas sensíveis, *as espécies impressas* ou *imagens*, ele opere sobre elas (depurando-as) e as coloque em ato, pela abstração das formas inteligíveis, formando novas espécies - *as espécies expressas* ou *conceitos* -, na medida em que as conhece em ato e as torna semelhantes a ele e subsistentes nele [*STh* I,q79,a3,c]. O intelecto agente é potência intelectual, ou seja, existe na alma humana como sua potência de entender as coisas em ato. Cada homem possui o seu intelecto individualmente; e este se assemelha, por natureza e perfeição, aos dos demais homens. Portanto, ele não existe separado da alma, embora não dependa de algum órgão do corpo para operar no que lhe é próprio [*STh* I,q79,a4,c], nem é único ou um só para todos os homens [*STh* I,q79,a5,c].

⁴⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 6, c.

partir das sensações dos sentidos⁴⁸ com o mundo sensível exterior, como a cor da rosa, seu cheiro, sua figura etc. Cada um dos sentidos colabora para a formação de uma imagem do objeto sensível conhecido.

A imaginação tem valor educativo, mas nunca substitui a abstração. Conhecer não é imaginar formas, mas formar conceitos⁴⁹ verdadeiros das realidades existentes, a partir da aplicação do princípio inato, universal, que é o princípio da não contradição, inato a toda mente humana. O valor lúdico da imaginação garante e enriquece a fixação de um conceito. A imagem pode ser a ponte para a recordação de um conceito, assim como o conceito é a ponte para o reconhecimento da realidade. De fato, as crianças quando começam a conhecer, imaginam mais que abstraem. Pouco a pouco, com o hábito dos princípios, a criança aperfeiçoa a abstração até o ponto de não precisar mais de ter de imaginar a figura ou mesmo a relação das letras que compõem o nome da realidade imaginada para pensá-la ou identificá-la.

O uso da imaginação na justa medida é saudável. Sabe-se, no entanto, do risco de confundir ensino por abstração e por imaginação. Pode que o uso exagerado do recurso da imaginação, através de atividades lúdicas e mesmo de leituras de contos, muito comum na literatura infantil, distorçam a realidade

⁴⁸ O *apetite sensitiva* - a sensibilidade - não é apenas apetitiva, mas, também, cognoscitiva, de qualquer modo, este é o nome do apetite sensitivo; a operação da potência apetitiva sensitiva se dá por um movimento sensível, causado pela apreensão sensível, como se atesta a seguir: a visão é a sensibilidade que resulta da relação que há entre o órgão sensorial - os olhos - e o objeto sensível, na apreensão de sua forma sensível [*STh* I,q81,a1,c;*De ver.* q25]. Outro nome é o de sensação, que em parte serve para nomear esta relação que acabamos de mostrar. O conhecimento sensível tem a sua origem na relação entre os órgãos dos sentidos e os objetos sensíveis externos [*STh* III,q30,a3,ad2].

⁴⁹ O conceito é fruto da concepção que o intelecto faz pela abstração, ao considerar a universalidade da natureza de algo singular. Por *concepção* entende-se, neste contexto da lógica, a geração ou a produção de um conceito, por parte do intelecto [*STh* III,q13,a12,c]. Pela concepção o intelecto produz uma *palavra* ou *verbo mental*, no qual se encontra a similitude inteligível abstraída da coisa concreta, sem que com isso se estabeleça uma identidade entre natureza que concebe e a natureza concebida, pois o que o intelecto produz é uma similitude do objeto real [*STh* q27,a2,ad2]. O conceito é uma *voz* mental, cujo sinal sensível é um nome que indica certo significado [*In I Sent.* d2,q1,a3]. Por isso, aquelas simples concepções que são produzidas pelo intelecto são vozes mentais - palavras interiores - [*CG*.IV,11] que significam alguma coisa [*In I Perih*lec.16]. Alguns conceitos, por razão de sua universalidade, são mais abrangentes do que outros, como o conceito *animal* que é mais *extenso* do que o conceito *homem*, já que aquele se estende e se predica de mais realidades do que este. Ao contrário, o conceito homem é mais compreensível do que o de animal, porque é menos extenso do que aquele. Esta distinção, segundo a universalidade, é o que determina a *extensão* e a *compreensão* do conceito. Exigem-se, para a expressão do verbo mental, *os sinais lingüísticos*, que por meio de palavras, nomes e verbos expressam o conceito e o seu significado.

ou mesmo dificultem seu conhecimento pela abstração. Isso ocorre especialmente em contos que apresentam uma realidade falseada, anti-natural ou que a distorcem. Nada impede que se ofereça, pelo recurso literário, conteúdo imaginativo que não distorça ou se distancie do da realidade. A obra literária de Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, é um bom exemplo. O mesmo não se diga, aplicado ao caso da educação infantil, a literatura da *Iliada* e da *Odisséia*. Infelizmente a literatura infantil, embora melhorando em muitos aspectos, é ainda muito superficial e pouco informativa. Seu conteúdo não se preocupa com o que é verdadeiro e moral. Tratam, no mais das vezes, de apenas contar uma história que descreve o real, que chama atenção, sem se preocupar com a verdade e mesmo com a moral: moral da história... uma história sem verdade e moral. A criança com a imaginação muito fértil, em que tarda a conhecer a verdade da realidade como ela é, padece uma espécie de êxodo intelectual quando se vê obrigada a abandonar a 'verdade' da imaginação pelo conceito verdadeiro do real. Para que este passo se dê adequadamente é imprescindível a ajuda do professor e dos pais, primeiros e principais educadores.

Em síntese, a imaginação é recurso válido para a educação das crianças. Quanto a isso não há dúvida. Subestima-se, no entanto, o risco do exagero de sua aplicação. De qualquer modo, o conhecimento, a formação do conteúdo do intelecto dar-se-á pela abstração, com a qual se dá a formação do conceito. O conhecimento ocorre por meio da assimilação do conceito, que nada mais é que a essência, natureza do real tomada de modo inteligível pelo intelecto. Só neste aspecto é dado verdadeiramente o conhecimento. A criança aprende quando consegue distinguir o conceito de rosa de sua imagem.

A imagem é algo sensível que se guarda (não são todas as rosas brancas, mas a da imagem que se retém na memória pode ser), mas o conceito é a natureza da rosa que o intelecto concebe, nele mesmo, de uma maneira imaterial e universal (qualquer rosa de qualquer cor, figura é conhecida mediante seu conhecimento). Não é a imagem que conduz ao conhecimento do que é a rosa, mas sim seu conceito. A imagem é apenas um instrumento que representa na alma algum aspecto da realidade sensível da rosa. Em certo sentido, a imaginação é uma 'abstração' da figura e das propriedades sensíveis da realidade material, sem reter sua própria materialidade e a abstração é a assimilação da forma da realidade. Abstrair é conceber imaterialmente a natureza da realidade singular. Formar seu conceito. Quantas forem as realidades concebidas, conhecidas, quantos serão os conceitos.

Como vimos, revela-se extremamente enriquecedor relacionar estes conceitos entre si como, por exemplo, os de vegetal e rosa. Contudo isso não se dá nas crianças imediatamente: se dá comumente na alfabetização quando,

através de jogos, procura-se, mediante as associações de imagens e figuras, relacionarem os próprios conceitos das coisas. Toda esta relação que se possa estabelecer entre os conceitos, por mais didática e lúdica que seja a alfabetização, não seria possível se não houvesse no intelecto uma capacidade própria de fazê-lo: eis a *razão*. A razão é a potência intelectual da alma humana responsável pelo *raciocinar*, ou seja, ir da consideração de um conceito a outro, como quando raciocinamos que *a rosa é um vegetal*⁵⁰.

Segundo o desenvolvimento desta capacidade de relação dos conceitos amplia-se a dimensão do conhecimento. O hábito de relacionar corretamente os conceitos entre si é próprio da *lógica*, arte de ordenar os conceitos⁵¹. Tal hábito se fortalece com o conhecimento de algumas regras que aperfeiçoam o uso da razão para esta relação dos conceitos. Contudo, não basta conhecer estas regras, aprender lógica se, desde muito cedo, a criança não for estimulada a pensar valendo-se do reto uso daquele princípio fundamental para todo e qualquer conhecimento: o princípio de não contradição.

Quanto mais habituada no seu uso, tanto mais apta a razão se encontra para a especulação das idéias mais abstratas. Denomina-se *razão superior*, quando o intelecto se volta para o conhecimento conseqüente dos hábitos dos primeiros princípios indemonstráveis. Diz-se *razão inferior* a *ciência*, conseqüente da aplicação dos hábitos dos primeiros princípios na demonstração das coisas temporais⁵². O exercício assíduo do intelecto na busca da verdade é o que denominamos *inteligência*, que não é senão o ato mesmo do intelecto, o ato da potência intelectual⁵³.

§3. EDUCAR PARA O BEM: *FORMAÇÃO MORAL*.

Se por um lado o intelecto está orientado ao conhecimento da verdade – especulação – por outro lado é capaz de aplicar este conhecimento por meio de alguma ação. O intelecto que apreende a verdade é o *especulativo* e o que o coloca em prática é o *prático*. Não há nenhuma inteligência que não exija uma prática correspondente. A especulação não está descomprometida com a prática, senão que, em alguns casos, se realiza, se confirma e se aperfeiçoa somente em sua dimensão prática. Não há a desvinculação com a prática, mas

⁵⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 8, c.

⁵¹ Sobre isso ver: FAITANIN, P. “A ‘arte de pensar a verdade’ segundo a ordem dos conceitos em São Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n° 5 (2007), 44-70.

⁵² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 9, c.

⁵³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 10, c.

o *especulativo* não ordena o que apreende para a ação, porém o *prático* sim, ou seja, ordena para a ação aquilo que apreende⁵⁴.

A educação das crianças não deve desenvolver somente o conteúdo especulativo, senão também o prático: *elas devem aprender fazendo e fazer aprendendo*. A pedagogia contemporânea, legado da assim denominada 'educação nova' tem procurado enfatizar esta interação entre teoria e práxis educativa. Contudo, as correntes filosóficas que inspiraram tal proposta geraram alguns antagonismos. Se por um lado a proposta contemporânea desejava evitar o modelo pedagógico idealista, que esvazia a possibilidade de uma conjunção entre o teórico e o prático, por outro lado, corria o risco de cair num extremo oposto, no exagero de uma pedagogia individualista que tendesse para o pragmatismo, cuja aprendizagem devesse ser exclusivamente pragmática, onde só se aprendesse o que fosse de valor prático para a vida em sociedade, para o Estado e para a democracia⁵⁵. Uma pedagogia que busque o justo equilíbrio entre o teórico e o prático se sobressairá, certamente, desde que privilegie aliada com a formação intelectual, uma firme educação moral, na medida em que disponha adequadamente o indivíduo para exercer plenamente sua cidadania na teoria e na prática.

Pois bem, seria impossível para a criança passar da ordem especulativa para a prática se não dispusesse de uma capacidade natural que a permitisse, sem contradição, executar na prática a verdade que aprendeu na teoria. Trata-se de um hábito natural do intelecto que orienta a verdade para a ação. Como sabemos, a teoria é abstrata, mas a ação é concreta e toca particularmente nossos sentidos e paixões⁵⁶. Uma criança quando aprende o que é doce – a

⁵⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 11, c.

⁵⁵ Sobre os muitos modelos pedagógicos ver: LUZURIAGA, L. *História da Educação e da Pedagogia*. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 16ª edição. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

⁵⁶ As *paixões* são os movimentos dos apetites sensível concupiscível e irascível, pela imaginação do bem ou do mal [*STh* I-II, q22, a3; *De ver.* q26, 3; *In II Eth* lec5, n292]. Por meio dos sentidos produz-se a sensação nos órgãos dos sentidos [*STh* I-II, q10, a3; *De malo*, q3, a9-10; *CTh* c128]. Tais sensações, quando recebidas na alma, - por isso são *paixões* da alma - produzem, pela imaginação que causam nos sentidos internos [além da imaginação, estes são os outros três sentidos internos: senso comum, memória e estimativa ou instintos], certos movimentos, que vão desde o desejo da posse de um bem sensível ou da aversão de um mal sensível. Daí as *paixões*, *emoções* ou *sentimentos*, serem estabelecidas em dois grupos: um concupiscível, caracterizado pelo movimento que se pauta na busca do bem sensível e na aversão ao mal sensível e outro irascível, que se caracteriza como um movimento mais violento, seja para conseguir um bem difícil de conseguir ou para evitar um mal difícil de evitar [*STh* I-II, q23, a4; q22, a2, ad3; *In II Eth* lec5, n293; *De ver.* q26, a4]: *Concupiscível* - acerca do bem: presente -amor/ausente-desejo/presente -alegria; & acerca do mal: presente - ódio/ausente - aversão/presente -tristeza; *Irascível* - acerca do bem difícil de conseguir-se:

verdade da doçura – não tem maiores dificuldades de confirmar esta verdade na prática. O doce é algo que agrada as crianças. Quando, porém, aprende a verdade do amargo, reluta na prática a comprová-la. Isso ocorre porque no intelecto a verdade não tem cheiro, cor, tamanho, mas só fora dele, no que existe no singular e concreto. Ela no intelecto é um conceito, abstrata, mas na prática se reveste daquelas características que podem dificultar ou não a aceitação ou confirmação da verdade, pois nem tudo o que é doce na prática, é verdadeiramente doce na teoria e vice-versa. Na prática, as coisas são apresentadas aos nossos sentidos como belas e feias ou boas ou más, ou seja, coisas que desejamos ou coisas que recusamos, independentemente de serem verdadeiras.

A força dos sentidos e das paixões – especialmente nas crianças – poderia fazer com que algo, pelo pretexto de que não fosse agradável aos sentidos, não fosse considerada verdadeira. Como, então, a criança seria apta naturalmente a conhecer a verdade de algo, independente de ser agradável ou não aos sentidos? De fato, algo para ser verdadeiro não tem de necessariamente agradar aos sentidos e para ser falso não tem de ser necessariamente desagradável. Como preservar a verdade para além do agradável ou desagradável? Deve haver algo que preserve a verdade para além desta experiência sensível e prática. Se não existisse alguma capacidade no intelecto que previsse isso, só conheceríamos o que fosse agradável aos sentidos. Mas, a experiência nos informa que, mesmo as crianças, são capazes de, embora com certa dificuldade, aprenderem a verdade do que inclusive desagrada aos sentidos. Como é possível isso?

Os antigos afirmaram haver um hábito, uma capacidade de orientar o intelecto, na dimensão prática, para a verdade. Este hábito é um princípio que decorre dos princípios do próprio intelecto, como do princípio da não contradição: eis a *sindérese*. Confunde-se com a consciência, mas não é a consciência. A *sindérese*, como princípio, incita a ação boa e condena a má⁵⁷, na

ausente -esperança & acerca do mal difícil de evitar-se: ausente -audácia/presente -ira. As paixões no homem afetam a sua inclinação a algum bem ou a aversão a algum mal. Por isso podem influenciar todo o rumo da formação do caráter e da instrução humana, pois elas podem determinar o voluntário, se o antecedem na inclinação ao bem ou na aversão ao mal. Se por um lado, a vontade ao aderir a determinação e a influência das paixões, isso pode aumentar o voluntário, por outro lado, esta mesma determinação pode diminuir a *liberdade*. De tal modo que sendo as paixões muito fortes, podem inclusive obscurecer ou obstaculizar o livre arbítrio da vontade [*STh* I-II,q77,a6;*De ver*:q26,a7;*De malo*,q3,a11]. Mas as paixões não são em si mesmas algo bom ou mal, mas naturais, pois são disposições que devem favorecer a inclinação do homem, por seus atos, ao bem de sua natureza e ao fim último a que se inclina, mediante os bens particulares que se lhe disponham a vida.

⁵⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 12, c.

medida em que considera o bem como a expressão da perfeição da verdade na prática e o mal como sua privação. Mediante este hábito, a criança aprende que nem toda verdade é doce e que nem tudo que é amargo é falso. Para além da sensibilidade agradável ou não, é a verdade que deve ser buscada, dever ser formada e preservada no intelecto. A verdade não é o que agrada aos sentidos, pois coisas falsas podem igualmente agradar-lhes (a grande jogada do mercado de consumo é vender o agradável como verdadeiro). Sem este hábito, estaríamos fadados a pensar que a verdade é o que somente agrada aos sentidos, como defende a corrente filosófica *hedonista*.

Graças a este hábito da *sindérese* e a experiência ordinária, sabemos que a verdade transcende o belo, o feio, o bem e o mal. O conhecimento deste hábito, o que pode ocorrer imediatamente ou levar muito tempo, dependendo do modelo educacional tomado, dispõe um *ato* pelo qual o intelecto *atesta* a verdade e *obriga* ou *incita* o bem como sua perfeição ou *acusa, reprova* ou *repreende* o mal como sua privação na dimensão prática. Denomina-se *consciência* este ato que conjuga o conhecimento da verdade com o conhecimento da prática da verdade, enquanto plenifica o exercício da *sindérese*, que incita o bem e evita o mal na dimensão prática. Por isso, a consciência significa aquilo que implica a relação do conhecimento com alguma coisa. Resulta da aplicação de algum conhecimento ou ciência que temos do que fazemos, por isso, consciência é conhecimento com um outro. Neste sentido, a consciência forma parte da potência intelectual, não como uma outra potência, senão como um ato pelo qual se aplica o conhecimento de alguma coisa⁵⁸.

Não raro vemos que as crianças amadurecem intelectualmente quando tomam consciência do que pensam e fazem. Costuma-se dizer que a consciência acusa quando se sabe a verdade, mas pela força dos sentidos e paixões, não se logra preservá-la na vida prática. É o que bem resume o caso seguinte: 'pensa-se a verdade, mas não se vive na prática tal como se pensa'. Há ainda os que 'não pensando a verdade, pensam que a verdade é o que na prática vivem'. Ambos os modos geram o que poderíamos denominar *crise de consciência*. A coerência da consciência é viver a verdade na vida prática, para além do que lhe seja sua apreensão agradável (bela) ou não (feia) ou de que lhe seja a própria vivência agradável (boa) ou não (má).

De nada adiantaria haver a capacidade de atestar pela consciência o que se deve fazer e o que se deve evitar para preservar a verdade e exercitá-la na vida prática se não existisse a capacidade de *decidir*, se não pudesse julgar livremente o que se quer ou o que se escolhe. É, pois, importantíssimo o papel desta potência para a educação moral, que de certa maneira, coroa e enobrece a formação intelectual, se seu uso subordinar-se à verdade e ao bem.

⁵⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I. q. 79, a. 13, c.

Eis o *livre-arbítrio*, potência teórica e prática⁵⁹ do intelecto⁶⁰ que faculta o homem *judgar* o que lhe advém dos sentidos e do intelecto, segundo o que deles conhece e cujo julgamento não resulta de um *instinto natural*, senão de certa comparação da razão frente à orientação de certas apreensões sensíveis e inteligíveis. É necessário que o homem julgue livremente, pois isso é uma exigência natural do ser racional⁶¹.

O livre-arbítrio não é senão a própria capacidade de escolha⁶². Assim, o intelecto tem por um lado a potência de raciocinar (razão), enquanto vai de um conhecimento a outro e, por outro lado, tem a potência de querer (vontade), enquanto isso é um simples desejo e tem a potência de eleger (liberdade), enquanto deseja alguma coisa por causa de outra que se quer conseguir⁶³. Para o Aquinate, a educação do intelecto na verdade supõe a educação na liberdade, para a qual não há outro fundamento que na educação moral.

Educar para o bem é conseqüência do cultivo constante de bons hábitos nas crianças, para que, desde cedo, utilizem retamente o julgamento e escolha; e que ela se paute antes sobre a verdade e o bem. Para que isso seja possível é preciso educar para as *virtudes*. Sabe-se que um ato humano bom, mas isolado, não constitui hábito bom, nem um ato humano mau, isolado, constitui hábito mau. O hábito moral dá-se pela ação voluntária e, portanto, pela ação livre. O hábito se forma na *constância* e na *repetição* de um ato. É dito bom enquanto forma uma virtude e mal se forma algum vício⁶⁴. Assim, um ato bom, na constância e na repetição, dispõe o hábito bom e um ato humano mau, o hábito mau. Decorrente de um hábito bom, a ação boa, constitui-se como *força* e *perfeição* para a natureza da pessoa. Decorrente de um hábito mau, a ação má, constitui-se como uma *deficiência* ou *privação* de perfeição da natureza.

Deste modo, denomina-se *virtude* o hábito operativo bom⁶⁵ e *vício* o hábito operativo mau⁶⁶. A virtude como disposição habitual reveste a natureza de quem opera com tal veemência que imprimi nela uma força, daí virtude, que é de difícil remoção e torna melhor a natureza e a operação de quem a possui⁶⁷. Por isso, a virtude torna melhor quem a possui e melhor o dispõe

⁵⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 83, a. 3, c.

⁶⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 83, a. 2, c; *De ver.* q. 24.

⁶¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 83, a. 1, c.

⁶² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 83, a. 4, c.

⁶³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q. 83, a. 4, c.

⁶⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.49, a.1, c.

⁶⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.55, a.3, c.

⁶⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.71, a.1, c.

⁶⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *CG.* I, c. 37, n2; *STh* I-II, q.20, a.3, obj2; *STh* II-II, q. 55, a. 3, sc.

para a boa operação⁶⁸. O *vício* é um hábito *mau* que imprime na natureza de quem o possui uma má disposição, enquanto lhe priva de alguma perfeição, sendo algo de difícil remoção, que torna pior o ser e a operação de quem a possui.

De qualquer maneira, é mais fácil adquirir um hábito bom do que remover um hábito mal, justamente por causa da influência das paixões sobre o voluntário. E isso se confirma ao constatarmos que as paixões são iminentes e muito dependentes frentes àquilo que as experiências sensíveis, rotineiramente, nelas causam inclinação ou aversão. São propriedades das virtudes: (1) ser o justo meio termo entre o excesso e a deficiência; (2) tornar a ação fácil e delectável; (3) relacionar-se com outras virtudes e com o fim último e (4) não se verter em mal.

As virtudes morais são adquiridas pela repetição dos atos. Neste sentido temos: o ato repetido gera o hábito e o hábito, segundo o bem ou o mal, gera ou a virtude ou o vício. E porque a ação humana pode ser a nível especulativo e prático, há, por isso, hábitos especulativos e práticos e, do mesmo modo, virtudes e vícios especulativos e práticos. Falemos, pois, das *virtudes*. As virtudes se dividem em *virtudes intelectuais*, que pelo hábito dos princípios da razão teórica, aperfeiçoam o intelecto e em *virtudes morais*, que pelo hábito dos princípios da razão prática, aperfeiçoam a vontade e impõem limites aos apetites concupiscíveis e irascíveis.

As virtudes intelectuais se dividem em *especulativas* e *práticas*. A virtude intelectual *especulativa* inclina o intelecto, perfeitamente, para a verdade universal e são três: o *intelecto* (hábito dos primeiros princípios especulativos, que inclina o homem para a verdade, evitando o erro e o engano), a *sindéreses* (hábito dos primeiros princípios práticos, que inclina o homem para a busca do bem, na medida em que evita o mal) e a *sabedoria* (hábito de considerar a realidade por sua causalidade última, na medida em que não procura o conhecimento das coisas pelas coisas, mas pelo que elas indicam para além de si, para o que o transcende). A virtude intelectual *prática* inclina o intelecto para o reto juízo, aqui e agora, acerca da ação particular. São virtudes intelectuais práticas a *arte* (a reta razão do fazer) e a *prudência* (a reta razão do agir).

As virtudes morais se dividem em quatro, ditas cardeais, visto que sobre elas se fundam outras virtudes: a *prudência*, que é virtude racional por essência e se dispõe a aperfeiçoar a razão; a *justiça*, que é racional por participação e dispõe ordenar a vontade; a *fortaleza*, que modera o apetite sensitivo irascível e a *temperança*, que modera o apetite sensitivo concupiscível. Como regra geral, a

⁶⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *CG. IV*, c. 7; *STh I-II*, q. 55, a. 1, c; *STh II-II*, q. 144, a. 1, c; *CG. I*, c. 92; *In III Sent.* d. 23, qq.1, a.2, qc1, c.

importância da virtude está em que *ela torna bom aquele que a possui e boa a obra que ele faz*⁶⁹. A intensa aplicação ao estudo, que é um bom hábito moral, longe de ser uma vil submissão – tal como alguns dicionários a definem – é a virtude da docilidade, ou seja, a mais plena realização da própria faculdade que a possui.

Docilidade diz respeito a *docere*, portanto, à aptidão ao conhecer e não é diversa da prudência⁷⁰. Não obstante, por causa da queda do homem, instaurou-se a desordem dos desejos e como todo desejo, mesmo o intelectual, necessita de elementos naturais e sobrenaturais que o redirecione e reordene àquilo que por natureza é chamado (conhecer a verdade), exigem-se, portanto, *virtudes reparadoras*, sejam naturais morais ou sobrenaturais teológicas.

Dentro do contexto das virtudes naturais morais, a moderação deste desejo de saber é lograda pela virtude da *estudiosidade*, virtude anexa à temperança, que se opõe ao vício da *curiosidade*, e que modera e ordena o ímpeto ou a desordem de qualquer natureza que possa haver neste desejo. A *estudiosidade* é, pois, a virtude, cuja matéria é o conhecimento⁷¹, no que diz respeito ao modo como desejá-lo, ordená-lo e adquiri-lo. O caminho de pedras que leva à sabedoria é difícil e árduo.

Em particular, o vício da *preguiça* é, por excelência, opositor à virtude da docilidade. A *preguiça* é a tristeza e a falta de empenho para conseguir um bem espiritual. Trata-se de um vício capital, porque é causa de muitos outros⁷². Outro elemento que dificulta a disposição do espírito para a aprendizagem é a *ignorância*. A *ignorância* é a privação de um conhecimento⁷³. A *ignorância* difere da *nesciência*, pois esta significa a simples negação ou privação da ciência naquele a quem falta a ciência de alguma coisa, que não a conhece⁷⁴. A falta de saber implica uma privação de ciência de certas coisas, naquele que naturalmente deveria saber⁷⁵.

A ausência de conhecimento, com relação ao sujeito, pode ser direta, indiretamente voluntária ou inteiramente involuntária. A *ignorância* diretamente voluntária é a que é assentida por um ato da vontade. A *ignorância* indiretamente voluntária é aquela que se segue de uma *negligência*, porque não se quer saber aquilo que deveria saber⁷⁶. A ausência de conhecimento inteiramente involuntária não é assentida pela vontade, nem

⁶⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II, q. 47, a.4, c.

⁷⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 57, a. 6, ad. 4.

⁷¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II q.166, a.1. c.

⁷² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II, q. 35, a. 3, c.

⁷³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q.101, a.1, ad. 2.

⁷⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.76, a.2, c.

⁷⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh*I-II, q.76, a.2, c.

⁷⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh*I-II, q19, a.6, c.

resulta de um ato de negligência⁷⁷, pois o ato é contrário à vontade⁷⁸. A falta de saber, com relação ao ato, pode ser: *precedente*, neste caso trata-se de uma ignorância involuntária, pois antecede ao voluntário⁷⁹ e nos dois casos *concomitante* e *conseqüente*, a ignorância pode ser direta ou indiretamente voluntária⁸⁰.

Denomina-se *ignorância invencível* aquela em que se imputa como negligência o não saber o que não se pode saber, por isso esta ignorância é chamada invencível, porque nenhum estudo a pode vencer⁸¹. Tal ignorância não é voluntária, porque não está em nosso poder rechaçá-la⁸². Diz-se ignorância vencível aquela que imputa o saber o que se deve saber⁸³. Temos visto até aqui que a educação supõe o bom hábito, que é a virtude, para superar a ignorância. A virtude é a disposição do que é perfeito para o melhor, por *perfeito* entende-se o que está disposto segundo o modo de sua natureza⁸⁴. Três coisas se encontram em oposição à virtude: o *pecado*, que se opõe ao fim bom que a virtude se ordena; a *malícia*, que se opõe àquilo a que se ordena a virtude, a bondade e o *vício*, que se opõe à disposição habitual da virtude ao bem⁸⁵. Vício é a privação de perfeição da natureza por disposição habitual contrária ao bem da mesma⁸⁶.

§4. CONSELHOS PARA QUEM ENSINA: O MESTRE.

No opúsculo *Rigans Montes* o Aquinate traça, de um modo geral, os conselhos sobre a dignidade do ato de ensinar⁸⁷. O ensino da verdade é ofício sagrado, pois quem a ensina participa da sabedoria divina. Sua sabedoria, Deus a comunicou com bondade aos homens. Este é ato de caridade e é caridade para os homens que a ensinam, porque é doação de si e da verdade da qual participa. E porque só Deus é o autor da verdade, o sábio em sua função, participa da intimidade da vida de Deus e deseja fazê-la conhecida por sua transmissão. Deus quer ser íntimo de todos.

⁷⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De malo*, q.3, a.8, c.

⁷⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.76, a.3, c.

⁷⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh*I-II, q.76, a.4, c.

⁸⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De malo*, q.3, a.8, c; *STh* II-II, q.156, a.3, ad. 1.

⁸¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 76, a.2, c.

⁸² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 76, a.2, c.

⁸³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 76, a.2, c.

⁸⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 71, a.1, c.

⁸⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 71, a.1.c.

⁸⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 71, a.1, c.

⁸⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Principium 'Rigans Montes'*.

O sábio conhece esta prerrogativa e dispõe-se dócil e convenientemente na virtude e na santidade para adquiri-la e transmiti-la. Em seu exercício magistral, o ensino, o homem participa da eternidade, pois a verdade que transmite não é a que muda com o tempo, mas a que permanece, porque ela é eterna, revelada por Deus ao coração humano desde a eternidade. Por isso, excelso é o ensino da ciência sagrada aos que a buscam.

A arte do ensino denomina-se educação porque faz eduzir do aluno o conhecimento da verdade através do ensino. O ensino, em latim *doceo*, é o cume da educação e a educação é o que capacita o ensino. É próprio do *magister* – mestre, professor – o magistério, o ensino. A educação é, de certo modo, como aludimos acima, *eduzir* a verdade do discípulo que naturalmente está apto aprender⁸⁸. Num sentido estrito só Deus ensina, mas podemos dizer que o homem ensina, na medida em que, pela disciplina, ajuda a eduzir do educando, por alguma arte ou técnica, algum conhecimento⁸⁹. Literalmente um homem não é mestre de si mesmo. Ele pode ter um conhecimento que lhe advém intrinsecamente e não do exterior, mas isso não é suficiente para afirmar que seja mestre de si mesmo, pois não se pode por conta de tal aprendizagem, aplicar-se-lhe o nome *mestre* ou *professor*; posto que, para tal, exige-se, ainda que minimamente, a recepção de algo externo⁹⁰.

O *ensino* é um ato da vida ativa. Mas isso não significa que não se ensine pelo ato da vida contemplativa. É próprio do mestre, do professor, em sua virtude ativa, e com as técnicas e meios⁹¹ suficientes, o ensino⁹². Ninguém ensina o que não sabe, pois o que resulta disso é *opinião*, *dolo* e *falsidade*. Em Tomás de Aquino, o ensino supõe a aprendizagem, a aprendizagem a educação, a educação a instrução e, a instrução, a formação íntegra do corpo e do espírito, pelo hábito das virtudes intelectuais e morais.

§5. CONSELHOS PARA QUEM APRENDE: O *DISCÍPULO*.

⁸⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De ver.* q. 11, a.1, c.

⁸⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De ver.* q. 11, a.1, c.

⁹⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De ver.* q. 11, a.2, c.

⁹¹ É fato que tais meios ajudam na educação, por exemplo, pelo acesso rápido e fácil às informações que alguns instrumentos possibilitam. Alguns hábitos, em razão da utilização destes meios, serão modificados: a escrita manual tenderá a tornar-se deficiente pela supressão da prática da mesma face à digitação; o contato com os livros impressos nas jornadas de estudo, leitura e investigação nas bibliotecas poderá ser substituído pelo acesso instantâneo e direto da informação desejada numa biblioteca digital, através de um apertado de botão de computador interligado à rede mundial de computadores; o quadro ‘negro’ será substituído pelo ‘e-board’ ou ‘quadro eletrônico’ estas e tantas outras mudanças serão incluídas no dia-a-dia dos jovens, às quais se adaptarão e absorverão fácil e rapidamente.

⁹² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De ver.* q. 11, a.4, c.

A educação segundo a perspectiva tomista é totalizante: do corpo e da alma, ou seja, a educação do corpo pela nutrição, exercício e a do espírito pela instrução⁹³. Quanto ao *método*, vale recordar que o caminho a ser percorrido para a aquisição de conhecimento e sabedoria pela educação da verdade, que é o fim e o bem desejado, depende da aquisição das virtudes. Bem disse Sócrates que ‘existe apenas um bem, o saber; e, apenas, um mal: a ignorância’. Sábias, também, são as palavras do ditado ‘estudar é suar’. Por isso, advertiu-nos Tomás, que para adquirir o tesouro da ciência, era necessário antes ‘eleger começar a partir das coisas mais fáceis, e não das mais difíceis’⁹⁴, não eximindo ao amante da sabedoria, de suas efetivas dificuldades.

A intenção e a consciência retas e puras são essenciais para este propósito. De fato, o preconceito intelectual ou doutrinário é causa da ignorância. Tomás adverte que sua superação depende não só da abertura da razão para a verdade, mas também da abertura do homem para Deus, mediante a oração. A oração deve coroar a consciência e a amabilidade revestir a intenção. Num mundo turbulento, quase não se cultiva a virtude da escuta, essencial para o silêncio, que deve ter presença constante na atividade intelectual. O silêncio aguça o intelecto em sua busca e penetração da verdade e dissipa qualquer possibilidade de perder-se na curiosidade, que é justamente vício que perturba o espírito e marca a ausência da concentração necessária do intelecto.

Concentração que é efetivamente cúmplice do silêncio. A concentração significa ganho de tempo. A dispersão espiritual se dá fundamentalmente pela má organização do tempo de estudo e pelo não cultivo do silêncio interior. Não faz falta essencialmente o silêncio exterior, mas é indispensável o interior. Obviamente ajuda e muito o silêncio exterior que é a ausência de distúrbios dispersivos. Pode alguém dispor de muito tempo e gozar de muito silêncio exterior e não possuir a devida concentração que aponta o intelecto para a verdade, como a flecha para o alvo.

A curiosidade com temas afins ao que se estuda é o maior vilão. Perde-se muito tempo com assuntos e discussões sobre qualquer assunto, mas não sobre aquele que pode elevar à adega do saber. Para Tomás a hora de estudo é sagrada. Ela se torna oração se segue o modelo de Cristo e se busca conhecer a verdade com o intuito de transmiti-la. A escuta para discernir o que de bom se diga, sem se ater a quem o diga é igualmente importante. Mas isso só é possível com a constante meditação e reflexão.

⁹³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d. 33, q. 1, a. 3, qc. 1, c.

⁹⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De modo stud.*, n.2., próêmio.

Guardar a verdade na memória, refúgio do sábio e conforto da retificação. A humildade deve ser seu limite e Deus o seu término. Tomás nos diz que se seguirmos estes conselhos nós poderemos gerar frondosas folhas e frutos na vinha dos exércitos do Senhor⁹⁵. Concluindo, podemos dizer que se somos chamados a saber e a transmitir o que ora alcançamos compartilhando com os outros, aquele que ensina, ao ensinar o que o outro desconhece, imprime, de certa maneira, no outro, algo do seu ser, trazendo ao aprendiz um pouco do sábio.

A *disciplina* é fundamental. Por disciplina entende-se a recepção de conhecimento de outro⁹⁶. Para a instrução requer-se a *disciplina* em seu duplo sentido: a *disciplina moral*, enquanto designa a virtude, o hábito bom que se repete e a *disciplina física*, que pela força da disciplina moral incute e orienta no corpo a ordem e disposição física necessária para a educação. Falemos da disciplina moral, já que ela é a força motriz da disciplina física e primeiramente mais importante para o cultivo do espírito.

É necessária a disciplina moral porque a educação do espírito demanda tempo e a disciplina, enquanto virtude moral, dispõe o espírito assiduamente para o conhecimento, como para o da matemática ou o da filosofia, que são oferecidos como tipos de conhecimentos para a instrução do espírito. Segundo o Aquinate, a disciplina é necessária para educar os jovens, bastando primeiramente aos pais a sua aplicação e se por força de mau hábito não se orientarem, segundo a lei natural, exige-se, por força de lei, o uso da pena para que se ordenem e se eduquem, conforme o bem comum⁹⁷.

Em qualquer caso, os pais são os primeiros educadores⁹⁸. Por isso é veemente a afirmação de que o fim principal do uso dos genitais dos cônjuges no matrimônio seja a geração, da qual se segue, como do nascimento da prole, a necessidade da educação⁹⁹. Se os pais são os primeiros educadores, qual é a matéria a ser ensinada? A disciplina ou matéria a ser ensinada é a lei natural¹⁰⁰ e o maior bem que os pais podem oferecer à sua prole é a educação que os orientam para o culto de Deus¹⁰¹, cujo modelo é Jesus Cristo.

Cabe à mãe a primeira educação, ou seja, a educação infantil e ao pai a juvenil¹⁰², sendo pernicioso à sociedade sua privação, que ocorre quando a mãe, por razão de divórcio, não consegue, por diversas circunstâncias, a sua

⁹⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De modo stud.*, fim.

⁹⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Anal.* Lec. 1, n. 9.

⁹⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 95, a.1, c.

⁹⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II, q. 102, a. 3, c.

⁹⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De malo*, q. 15, a.1, c.

¹⁰⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d. 33, q. 1 a. 3, qc. 1, c.

¹⁰¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d. 39 q. 1 a. 1, c.

¹⁰² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De malo*, q15, a.1, c.

realização¹⁰³. A educação deve ser acerca daquilo a que o homem inclina-se naturalmente, como o que é o bem comum da razão que é, também, o seu próprio bem e o da verdade, que alcança quem conhece a Deus na vida em sociedade¹⁰⁴.

A disciplina sem o estudo não produz a formação, a educação. Neste sentido, a virtude do estudo é fundamental para a aprendizagem. O estudo – vocábulo que provém de *studium* que, por sua vez, deriva do verbo *studere* e significa ‘ter gosto’, ‘zelo’, ‘ser desejoso’ e ‘aplicado’ – designa ‘o assíduo e veemente ânimo aplicado com ocupação da vontade à realização de algo grande’. Como vimos, estudo é ‘ter gosto’. Mas, então, o que é saber? A palavra saber provém do latim, de *sapere*, e significa saborear.

Neste sentido, se *estudo* designa, de certa maneira, a busca do que tem sabor, *saber* é a posse do sabor. Ora, se é o conhecimento do ser das coisas que alimenta o espírito, portanto, metafórica e etimologicamente falando, o paladar do ser realiza-se no sabor de conhecê-lo. O que o homem alcança e desfruta mediante esta virtude natural – que o impulsiona a querer conhecer – além de possuir gosto e sabor muito especiais, nutre efetivamente a faculdade humana de onde emana este desejo. O homem mediante o seu ser, deseja, naturalmente, saborear – saber – o mundo, a si mesmo e a Deus, a quem maximamente se ordena e a quem tende as suas faculdades.

Do mesmo modo que o homem, por sua natureza corpórea, deseja os sabores dos alimentos e os deleites sensíveis, assim, também, deseja, mais intensamente, segundo sua natureza espiritual, saborear os sabores dos alimentos e dos deleites espirituais, portanto, saborear [conhecer] algum bem espiritual¹⁰⁵. Este bem espiritual é, de certo modo, o próprio conhecimento. E este pode ser alcançado diretamente pela iluminação divina, pelo auxílio de um mestre, ou pelo esforço do estudo humano, embora nunca de um modo absolutamente independente de qualquer auxílio divino. O estudo leva consigo, pois, uma intensa aplicação da mente na consideração de algo, principalmente, para chegar a conhecê-lo¹⁰⁶.

CONCLUSÃO:

O *intelecto* é a capacidade que a pessoa tem para entender o que é, o que faz, o que a circunda e o que a transcende. O *conhecimento* é o que se produz por esta capacidade. Quando a pessoa transmite este conhecimento ocorre a

¹⁰³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* III, suplem. q.62, a.4.

¹⁰⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q. 94, a.2, c.

¹⁰⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh*, II-II, q. 166, a.2. c.

¹⁰⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh*, II-II, q. 166, a.1. c.



instrução, ou seja, a educação e a inserção da pessoa na vida da sociedade, pela *linguagem*, pela ação e pela produção. Tudo corrobora para o que se denomina *cultura*, ou seja, o que se cultiva do espírito e alimenta o intelecto. Mas nada disso seria possível sem a *disciplina* que aqui significa tanto ao que é dado para a *aprendizagem*, com a própria *virtude* do empenho ou do esforço dispensado para a conquista de algo. Pois bem, a *educação* é a instrução do espírito, a *disciplina* é a ordem habitual ou a matéria a ser aprendida. O ato mais nobre de quem aprende é ensinar. O ensino enriquece o espírito de quem se doa para o cultivo do espírito de outrem. Por isso, o *ensino* é ato da virtude *docilidade*. Assim, pois, estes são os conceitos fundamentais da pedagogia tomista: educação, disciplina, estudo, sabedoria, conhecimento e ensino. Para o Aquinate a potência intelectual é fundamental para a aprendizagem e educação do homem. Não há educação sem conhecimento, nem ensino sem aprendizagem.